

**O “DILMÊS” NA WEB E EM OUTROS DISPOSITIVOS:  
UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO MORAL?**

**Roberto Leiser BARONAS<sup>46</sup>**

**Julia Lourenço COSTA<sup>47</sup>**

**Resumo:** Neste artigo, analisamos discursivamente um conjunto de textos que abordam as possíveis gafes cometidas pela presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em seus pronunciamentos. Teórico-metodologicamente, ancoramos as nossas discussões no trabalho de Dominique Maingueneau (2010) acerca da teoria das frases sem texto, em Krieg-Planque (2011) e Krieg-Planque e Yaniv (2011) sobre a abordagem discursiva da comunicação e também nos recentes trabalhos de Paveau (2015) sobre a análise da dimensão moral dos discursos. Partimos da hipótese de que as possíveis gafes cometidas pela presidenta do Brasil podem ser enquadradas enquanto um “acontecimento discursivo moral” (Paveau, 2015), designado por esses dispositivos como “dilmês”.

**Palavras-chave:** Discurso. Comunicação política. Acontecimento discursivo. Moral.

**Abstract:** *In this text, we discursively analyze a set of texts which address the possible gaffes committed by the president of Brazil, Dilma Rousseff, in her pronouncements. Theoretically-methodologically we anchor our discussions in Dominique Maingueneau's (2010) work on the theory of sentences without text, in Krieg-Planque (2011) and Krieg-Planque and Yaniv (2011) on the discursive approach to communication and also in recent works by Paveau (2015) on the analysis of the moral dimension of the discourses. We start with the hypothesis that the possible gaffes committed by the president of Brazil can be framed as a “moral discursive event” (Paveau, 2015), designated by these devices as “dilmês”.*

**Keywords:** Discourse. Political communication. Event discursive. Moral.

---

<sup>46</sup> Professor no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e integrante do grupo de estudos FEETA da UNICAMP. E-mail: baronas@ufscar.br

<sup>47</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo – USP e pesquisadora do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividade Multimodais – Leedim – UFSCar. E-mail: juliajlc@gmail.com

## Primeiras palavras

A comunicação política tem sido objeto de estudo não só no âmbito das teorias da comunicação, mas também em outras áreas do conhecimento. Diferentes domínios das humanidades tais como a sociologia, a ciência política, a história, a filosofia, a psicologia, entre outras, têm já desde alhures tomado a comunicação política como um objeto pertinente de reflexão. No que concerne às ciências da linguagem, mais especificamente aos estudos do discurso, a comunicação política tem tido mais recentemente um tratamento menos oblíquo. Inúmeros são os discursivistas que no momento atual têm deslocado a comunicação política do âmbito das teorias da comunicação para pensá-la no campo do discurso. Nesse sentido, merecem destaque os trabalhos dos pesquisadores franceses Dominique Maingueneau (2010; 2012; 2014) sobre a enunciação aforizante ou a teoria das frases sem texto e os de Alice Krieg-Planque (2006; 2009; 2011; 2016) e Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011) acerca das pequenas frases em política.

Para o primeiro estudioso, existe uma prática corriqueira na comunicação midiática contemporânea - a prática de destacar enunciados e fazê-los circular (transformados ou não) em novas arenas discursivas. O pesquisador francês afirma que “poucas pessoas hoje contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica com a qual o linguista lida: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos” (MAINGUENEAU, 2010, p. 9). E os textos, por sua vez, remetem-se a gêneros de discurso, que funcionam como quadros de referência para toda a comunicação pensável numa dada formação sócio-histórica. Maingueneau mobiliza o termo “gênero do discurso” para atividades como a participação de nascimento, o debate televisivo, a conversação, entre outros.

Todavia, a assunção de que o texto é a unidade básica de estudo não é imune a questionamentos quando o que se investiga são as práticas discursivas da mídia, esfera de comunicação em que abundam enunciados curtos, geralmente constituídos de uma única frase e que circulam fora do texto. Maingueneau (2010) chama essas pequenas frases de “enunciados destacados”, incluindo *slogans*, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa, intertítulos, citações célebres etc. O autor distingue duas classes de

enunciados, segundo a natureza de seu “destacamento”: a) *o constitutivo*: trata-se do enunciado naturalmente independente de um contexto e cotexto (fórmulas sentenciosas, provérbios, *slogans*, divisas etc.) e b) *o destacado* por extração de um fragmento de texto, segundo a lógica de citação.

Nessa mesma direção proposta por Dominique Maingueneau, contudo sem a inscrição numa visada enunciativa, Krieg-Planque (2006, 2009, 2011, 2016) propõe que a comunicação política deva ser entendida como “um conjunto de saberes e habilidades relativos à antecipação de práticas de retomada, de transformação e de reformulação de enunciados e de seus conteúdos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 14), que ao entrarem em circulação no espaço público, pautam os mais diferentes tipos de debate político. Aprofundando essa questão, Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011) assinalam que a emergência das pequenas frases em política está diretamente ligada ao campo da comunicação política. São os atores inscritos neste campo (jornalistas, políticos...), que engendram esses pequenos enunciados e os põem em circulação nos mais diferentes *mídiuns*. Segundo as autoras citadas, nos discursos e nas práticas profissionais dos jornalistas, os empregos das pequenas frases “testemunham a existência de rotinas constantes que selecionam e distinguem um fragmento de um discurso, sem que as regras nem as condições de seus processos sejam explicitadas” (KRIEG-PLANQUE; OLLIVIER-YANIV, 2011, p. 19). Nesse sentido, longe de ser o estágio terminal do discurso político, as pequenas frases são o resultado mesmo das transformações contemporâneas da comunicação política e do trabalho jornalístico – o que não necessariamente implica o apagamento do aparelho político em prol do (res)surgimento do indivíduo falante. O aparelho político travestido de indivíduo falante se manifesta agora nos mais diversos *mídiuns* por meio dos enunciados breves. Ainda na concepção das autoras francesas, cabe à linguística e à análise do discurso debruçarem-se sobre esse fenômeno que se apresenta a um só tempo nas dimensões enunciativa, midiática, política e comunicacional.

Ainda que Maingueneau; Krieg-Planque e Krieg-Planque e Yaniv tragam uma importante contribuição para pensar a comunicação política de um mirante discursivo, deslocando-a das teorias da comunicação, é preciso levar em consideração que o destaque de pequenas frases de um determinado cotexto e a sua circulação em outros

contextos, sobretudo, no âmbito da política, engendra os mais diferentes tipos de acontecimento, que podem ser de natureza moral. Esse aspecto acontecimental das pequenas frases não foi pensando de maneira mais detida por nenhum dos autores mencionados. Nesse sentido, com base no nosso pequeno *corpus* de estudo, as supostas gafes de Dilma Rousseff, é possível asseverar que o acontecimento engendrado pelas pequenas frases em política é de natureza moral, ou seja, um acontecimento moral produzido por um “conjunto de comentários e reações [disfóricas], em dado grupo ou sociedade, a propósito de um enunciado” (PAVEAU, 2015, p. 96), visto que de alguma maneira esse enunciado fere a(s) norma(s) sociais da fala.

### **Sobre o *corpus* e o seu tratamento discursivo**

O nosso pequeno *corpus* de estudo é constituído por um conjunto de textos que circulou na web, no ano de 2015 e parte de 2016, em diversas cenas genéricas, criticando as supostas gafes da então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em seus pronunciamentos. São tratadas desde matérias veiculadas em revistas e jornais de grande circulação nacional até o livro “Dilmês: o idioma da mulher sapiens”, lançado pelo jornalista Celso Arnaldo Araujo, em 2015. A escolha desse livro se deve ao fato de que ele se apresenta como uma espécie de representação metonímica do acontecimento moral, designado como “dilmês”: um simulacro de idioma criado pelos mais diferentes dispositivos midiáticos para caracterizar disforicamente as falas de Dilma Rousseff em seus pronunciamentos. Com efeito, essa designação “dilmês”, construída linguisticamente a partir do radical *dilm-*, extraído do nome Dilma, mais o sufixo *-ês*, extraído da terminação de muitas línguas: portugu-ês; ingl-ês; franc-ês, escoc-ês, irland-ês, etc, traz na própria materialidade o sentido disfórico. Em outros termos, o sufixo *-ês* ao ser incorporado ao radical *dilm-* passa a funcionar como uma marca disfórica. Esse termo também dialoga interdiscursivamente com outro simulacro de idioma criado alhures por diferentes dispositivos midiáticos, que é o *lulês*, termo que caracteriza negativamente as falas do então presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva.

Por entendermos que as críticas às supostas gafes da presidenta Dilma Rousseff produzem esse acontecimento discursivo moral, o dilmês, também buscamos acolhida teórico-metodológica nos trabalhos de Marie-Anne Paveau (2015) acerca da reflexão sobre a dimensão moral dos enunciados.

Em seu livro *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*, Marie-Anne Paveau (2015) busca integrar o parâmetro ético na linguística. Para tanto, discute, por um lado, a ética do discurso acadêmico: os problemas de deformação das teorias, roubo de ideias e requalificação ou atribuição errônea de conceitos; e, por outro, a ética da fala: um dispositivo moral relativamente à língua e aos discursos, cujas análises, embasadas numa espécie de linguística popular, são abundantes em juízos axiológicos, que identificam os enunciados como bons ou ruins. Para dar conta da dimensão moral dos enunciados, Paveau propõe uma filosofia do discurso ou uma linguística simétrica, que diferentemente das escolas estruturalistas e formalistas, bem como domínios como a sociolinguística, a pragmática ou a retórica, não propõe uma separação entre o que é da ordem do sistêmico ou da competência dos falantes e o que é da ordem do contexto, mas sim uma integração dessas ordens, a partir da análise da dimensão moral dos discursos.

Não trataremos aqui das questões éticas relacionadas ao discurso acadêmico, mas daquilo que Paveau designa como “a ética da fala”, ou seja, todo um conjunto de juízos axiológicos que é feito pelos mais variados atores sociais acerca do suposto mau uso que a presidenta Dilma Rousseff fazia da língua portuguesa, em seus pronunciamentos. Essas críticas são designadas por esses atores sociais, ora como gafes ora como pérolas. O verbete gafe está registrado no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa como “ato e/ou palavra impensada, indiscreta, desastrada; indiscrição involuntária” (HOUAISS, 2001, p. 471). No entanto, discursivamente a gafe funciona como um insulto dissimulado que visa ofender o outro por meio da descaraterização de seu discurso. O primeiro texto que mobilizamos para a análise está reproduzido a seguir:



**Figura 1 - Pérolas de Dilma**  
**Fonte:** Revista *Isto é*, 17/09/2016, p. 93

A matéria "As pérolas de Dilma que não deixarão saudade" está disposta em cinco pequenos textos, um embaixo do outro, como se fossem pequenos verbetes de dicionário, destacados das falas de Dilma em pronunciamentos. A fotografia do rosto de Dilma e as aspas logo abaixo dos títulos dos textos buscam atestar a autoria dos enunciados. Os títulos desses pequenos textos - Homenagem à mandioca; Respeito aos ETS; As mulheres sapiens; Conquista da Inflação e Vento estocado - são elaborados pela revista a partir do destaque alterado de falas da presidenta. No caso do primeiro texto, Dilma não usou a expressão "homenagem à mandioca" e sim "... estou saudando a mandioca". Além disso, se formos recuperar o contexto em que a fala de Dilma circulou inicialmente, verificaremos que o que transforma a fala de Dilma em uma pérola é o destaque efetuado pela revista e não o conteúdo da fala de Dilma, que buscava destacar, com ênfase para a alimentação, todas as inúmeras contribuições que os povos indígenas trouxeram para a formação cultural do Brasil.

Eu acredito que é necessário que nós tenhamos muito orgulho da formação histórica deste país, para além do fato que cada povo indígena representa uma cultura especial, nós temos de ter um imenso orgulho de, na composição da nação brasileira, nós sermos uma mistura de INTERSECÇÕES, Edição 23, ano 10, número 2. página 115

várias etnias. E aqui, hoje, nós estamos saudando uma delas: nós estamos saudando a etnia indígena, que trouxe para nós não só - como disse aqui, muito bem, a nossa vice-governadora, representando o governador -, o sabor dos nomes que estão em todas as nossas cidades, de fato, mas também eu queria saudar, porque nenhuma civilização nasceu sem ter acesso a uma forma básica de alimentação. E aqui nós temos uma, como também os índios e os indígenas americanos têm a dele, nós temos a mandioca. E aqui nós estamos comungando a mandioca com o milho. E, certamente, nós teremos uma série de outros produtos que foram essenciais para o desenvolvimento de toda a civilização humana ao longo dos séculos. Então, aqui, hoje, eu estou saudando a mandioca. Acho uma das maiores conquistas do Brasil (Dilma Rousseff, em 23/06/2015)<sup>48</sup>.

Temos aqui um exemplo lapidar do que Maingueneau (2010) designa como a transformação do locutor em aforizador. Quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, um título de uma matéria na imprensa, por exemplo, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador. E o aforizador, como Sujeito, “diz o que é, não no instante, mas na duração atemporal do valor” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14-15). Por meio da aforização, o locutor busca se colocar além dos limites, condicionantes e restrições específicas de um determinado gênero do discurso. Nesse sentido,

[O] “aforizador” assume o *ethos* do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente. (...) Trata-se, fundamentalmente de fazer coincidir *sujeito da enunciação* e *Sujeito* no sentido *jurídico e moral*: alguém se coloca como responsável, afirma valores e princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários. (MAINGUENEAU, 2010, p.14-15).

Ao destacar o enunciado de um cotexto primeiro, pronunciamento da presidenta, na Cerimônia de Abertura dos Jogos Indígenas, em 23/06/2015, fazendo circular em outros contextos, atribuindo a Dilma a responsabilidade pela “saudação a mandioca”, a revista busca se eximir da responsabilidade por essa enunciação. Todavia, o que torna a fala de Dilma supostamente não virtuosa, isto é, “não ajustada aos valores vigentes, com efeito, não ajustada aos agentes, à realidade do mundo e às produções verbais que

---

<sup>48</sup> Trecho retirado do discurso proferido pela presidenta que está disponível no endereço <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-solenidade-de-lancamento-dos-i-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas-e-abertura-do-congresso-tecnico-brasilia-df>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

constituem a memória discursiva da sociedade” (PAVEAU, 2005, p. 31) é o destaque operado pela revista. Em outras palavras, é o destaque que ao tornar Dilma uma aforizadora, transforma a sua fala como pouco virtuosa, em se tratando da fala de uma chefe da nação, numa pérola. Com efeito, esse tipo de destaque produz para os leitores um percurso deôntico de interpretação, fazendo com que os mais variados atores sociais e institucionais emitam juízos de valor acerca do que foi enunciado por Dilma. Todavia, esses juízos de valor emitidos pelos mais diferentes atores sociais tomam como referência não o discurso em si de Dilma, mas o destaque operado pelo dispositivo midiático. Ademais, o título da matéria “As pérolas de Dilma, que não deixarão saudades”, funciona como um pré-construído, que “corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’)” (PÊCHEUX, 1995, p. 164). Dito de outro modo, o pré-construído não é assumido pelo sujeito enunciadador da revista, visto que se apresenta como um objeto do mundo “já ali”, preexistindo ao discurso, apagando as suas condições de produção e reforçando por um lado a responsabilidade das pérolas como sendo de Dilma e, por outro, asseverando que essas pérolas, assim como a própria presidenta, não deixarão saudades. Esse efeito do pré-construído se impõe ao sujeito como uma verdade evidente, pois “são traços de construções anteriores, de combinações de elementos da língua, já usados em discursos passados e que tiram daí seu efeito de evidência” (MALDIDIER, 2003, p. 34). Nesses enunciados pré-construídos sem sujeito nem causa, o enunciadador é somente uma testemunha: ele “vê” objetos, processos do qual não é o Agente, seu *dizer* apaga-se atrás de seu *ver* (SERIOT, 1985, p. 259)

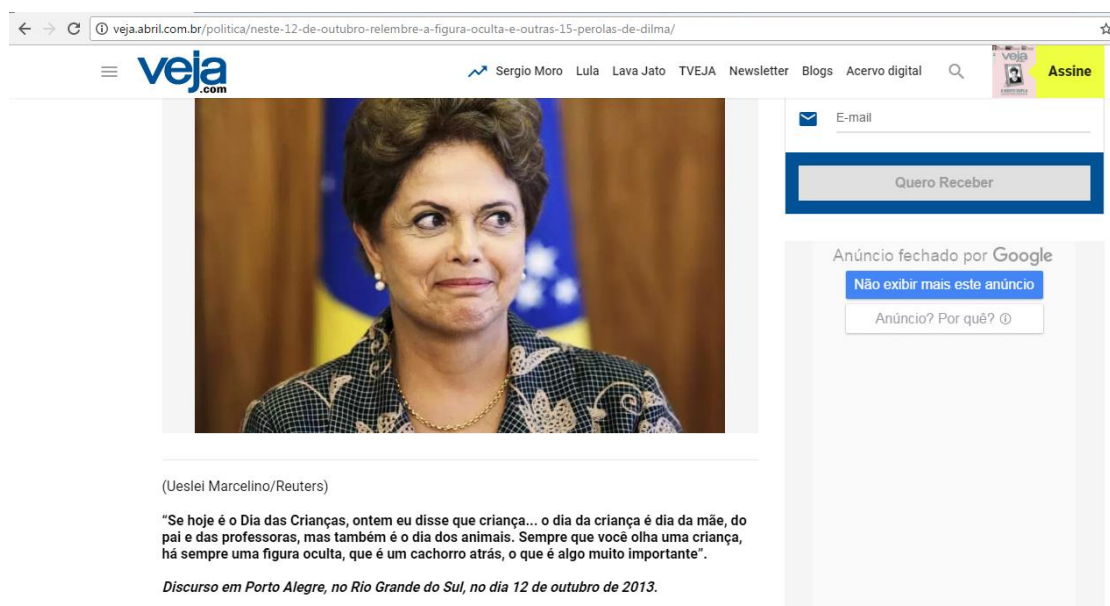
A seguir, destacamos um trecho do texto publicado na seção Política da revista *Veja online*, intitulada “Neste 12 de outubro, relembre a figura oculta e outras 15 pérolas de Dilma”:

Desde que assumiu o Planalto, a presidente Dilma Rousseff trava um constante conflito com os microfones, a lógica e a língua portuguesa. A sequência de frases longas e confusas, engatadas umas nas outras, já deu origem a um idioma próprio da petista, o dilmês. Um ‘clássico’ da retórica de Dilma é o discurso proferido há dois anos por ocasião do Dia das Crianças – em que surge uma figura oculta, também digna de homenagem. Como a presidente não se cansa de cometer trapalhadas verbais, o site de VEJA publica mais uma coletânea de frases desastradas



de Dilma. Da mandioca à mulher sapiens, uma compilação para fazer rir (e chorar) qualquer brasileiro. (*Veja online*, 12/10/2015<sup>49</sup>).

A primeira “pérola” apresentada pela revista *Veja*, dentre as 15 que arrola nesta matéria, foi intitulada de “Figura Oculta”. Abaixo está o *print* com a imagem e o texto verbal veiculado pela revista.



(Ueslei Marcelino/Reuters)

“Se hoje é o Dia das Crianças, ontem eu disse que criança... o dia da criança é dia da mãe, do pai e das professoras, mas também é o dia dos animais. Sempre que você olha uma criança, há sempre uma figura oculta, que é um cachorro atrás, o que é algo muito importante”.

Discurso em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no dia 12 de outubro de 2013.

**Figura 2 – 15 pérolas de Dilma**  
**Fonte:** Revista *Veja online*, 12/10/2015

O texto acima publicado pela revista *Veja* como a primeira das quinze pérolas de Dilma, ao longo da sua passagem pela presidência, traz um fragmento do discurso da presidenta, proferido no dia 12 de outubro de 2013, na cerimônia de anúncio de investimentos do PAC Mobilidade Urbana e entrega de 57 máquinas motoniveladoras a prefeitos gaúchos em Porto Alegre/RS. Junto ao fragmento há uma foto da presidenta, olhando de lado e segurando o riso corroborando o tom jocoso da matéria. Se recuperarmos o discurso da presidenta, verificaremos que é mais uma vez o destaque efetuado pela revista na junção com a colocação de uma fotografia do rosto da presidenta que produz o efeito derrisório.

Obrigada, muito obrigada. Obrigada.

<sup>49</sup>Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/politica/neste-12-de-outubro-relembra-a-figura-oculta-e-outras-15-perolas-de-dilma/>>. Publicação em 12 out. 2015. Acesso em: 3 ago. 2017.

Eu, primeiro, queria dirigir um cumprimento aqui aos nossos prefeitos e às nossas prefeitas, e dizer que muito me honra a presença deles aqui hoje. E, em especial, uma vez que eu estou aqui nesta cidade tão querida que é Porto Alegre, cumprimentar o nosso prefeito Fortunati e a querida, a primeira-dama Regina Becker. Principalmente porque, se hoje é o Dia das Crianças, ontem eu disse que criança... o dia da criança é dia da mãe, do pai e das professoras, mas também é o dia dos animais. Sempre que você olha uma criança, há sempre uma figura oculta, que é um cachorro atrás, o que é algo muito importante. Então, cumprimento também pela sua dedicação, Regina, a essa causa.  
(Dilma Rousseff, em 12/10/2013)<sup>50</sup>.

Assim como o fragmento do texto, a foto do rosto é o produto de um destacamento que elimina estes ou aqueles elementos do contexto (vestimenta, local, momento etc.) que mostraria a foto de uma pessoa toda. Tais destacamentos – o do texto, e do rosto – se reforçam mutuamente: o rosto é o do sujeito que se mantém estável por meio da variação, enquanto o fragmento do texto, pelo fato de exprimir esse sujeito, diz o que é válido para além desta ou daquela circunstância. Na matéria em questão, essa fotografia do rosto sofre uma restrição contextual, produzindo uma interação imediata com os destinatários. Tal restrição produz como um de seus efeitos, por um lado, uma relação do aforizador, no caso a presidenta Dilma com um interlocutor imediato, os leitores de *Veja* e, por outro, reforça que este aforizador é o sujeito que está exprimindo intensamente o que seria o seu verdadeiro pensamento. No caso em questão, rindo de si mesma.

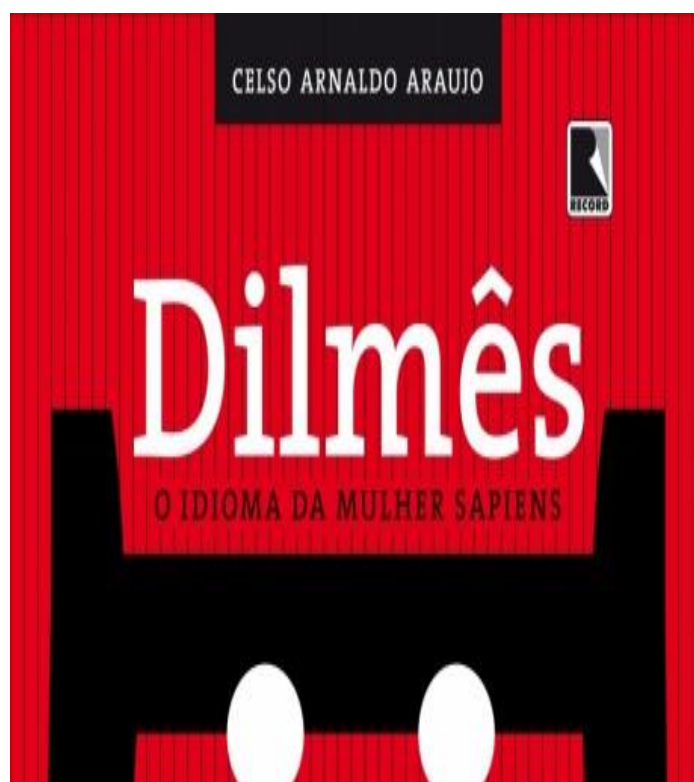
Esse tipo de juízo axiológico, mais explicitamente produzido pela revista *Veja*, a partir da veiculação das 15 “pérolas” de Dilma e um pouco menos explicitamente operado pela revista *Isto é*, com base nos destacamentos da fala da presidenta, alicerça a construção do acontecimento discursivo moral em relação às falas de Dilma, que é o “dilmês”. Ou seja, temos aqui um ato discursivo de reenquadramento das falas da presidenta no âmbito do ridículo, do derrisório.

Tomemos a seguir mais um dado para as nossas análises. Trata-se do livro “Dilmês: o idioma da mulher sapiens”, de autoria de Celso Arnaldo de Araujo e publicado em 2015 pela Editora Record do Rio de Janeiro. Este livro conta com um prefácio do

---

<sup>50</sup> Trecho retirado do discurso na íntegra que está disponível no endereço <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-de-investimentos-do-pac-mobilidade-urbana-e-entrega-de-57-maquinas-motoniveladoras>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

professor aposentado do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Prof. Dr. Deonísio da Silva, intitulado “O português de Dilma” e está organizado em forma de quinze “crônicas” que discutem as gafes supostamente cometidas pela presidenta em suas intervenções. Essas “crônicas” estão organizadas a partir de fragmentos dos discursos da presidenta e juízos axiológicos do autor acerca desses fragmentos. Não há nessas “crônicas” nenhum tipo de análise linguística dos fragmentos de discurso da presidenta Dilma destacados pelo autor. O que há são análises embasadas numa linguística popular<sup>51</sup> que enquadra os enunciados ou como bons ou ruins.



**Figura 3** – Capa do livro “Dilmês: o idioma da mulher sapiens”.  
**Fonte:** Araújo (2015)

Conforme enunciamos, este livro de Celso Arnaldo de Araujo pode ser considerado uma espécie de representação metonímica do acontecimento discursivo

---

<sup>51</sup> A expressão linguística popular é uma tradução livre da expressão inglesa *folks linguistics* e designa as regulações linguísticas feitas por atores sociais não especialistas em ciências da linguagem a partir de morais languageiras da fala.

moral, construído pelos mais diferentes dispositivos midiáticos, em relação às falas da presidenta, o “dilmês”. O próprio título com destaque para o termo “Dilmês”, reforça a construção desse acontecimento discursivo moral. Com efeito, o livro do jornalista busca se apresentar como uma espécie de compêndio que visa condensar em um único dispositivo as principais gafes de Dilma. Vejamos abaixo um fragmento retirado da introdução do livro de Celso Arnaldo de Araujo:

Há oito meses, ouço tudo o que Dilma diz em público. Não lhe ouvi ainda uma frase inteligente. Um raciocínio límpido, criativo. Uma tirada esperta. Um jogo de palavras que faça sentido lógico e tenha algum requinte metafórico. Uma boa ideia própria. Uma resposta satisfatória e sincera. Um pensamento superior que denote em juízo superior sobre nossas mazelas e nosso futuro. Um cacoete de estadista. Uma réplica ferina. (...) Só construções que não param de pé, o mais absoluto desconhecimento das leis básicas da argumentação e da articulação de modernos conceitos de estado. Uma incultura geral inédita entre pessoas públicas com curso superior. Não consegue reproduzir, sem erros grosseiros, máximas, ditados e aforismos que já fazem parte da psique popular. Em Dilma, nada se salva. Não domina nenhum tema, nada lhe é familiar (ARAUJO, 2015, p. 15-16).

Esse fragmento da introdução do livro Dilmês procura evidenciar que as falas da presidenta não são virtuosas, no sentido que Marie-Anne Paveau (2015, p. 214) atribui a este conceito: “o discurso virtuoso é o discurso ajustado aos valores vigentes na realidade complexa e instável e de seus ambientes”. Com efeito, a introdução do livro busca evidenciar que essas falas estão desajustadas quanto às relações entre os agentes (no que tange, entre outras coisas ao valor da inteligência e da sagacidade dos governantes – “Há oito meses, ouço tudo o que Dilma diz em público. Não lhe ouvi ainda uma frase inteligente. Um raciocínio límpido, criativo. Uma tirada esperta. Um jogo de palavras que faça sentido lógico e tenha algum requinte metafórico. Uma boa ideia própria” – assim como quanto à memória discursiva em torno dos temas do domínio da língua portuguesa e da administração pública – “Só construções que não param de pé, o mais absoluto desconhecimento das leis básicas da argumentação e da articulação de modernos conceitos de estado. Uma incultura geral inédita entre pessoas públicas com curso superior”).

Para o livro de Araujo, essas falas de Dilma estão desajustadas também na realidade do mundo, visto que, no imaginário da grande maioria da população, as intervenções esperadas de um presidente da república devem ser as de um estadista – “Em Dilma, nada se salva. Não domina nenhum tema, nada lhe é familiar” - ou seja, espera-se um governante altamente versado nos princípios da arte de governar, exercendo a liderança política com muita sabedoria. Algo que pelos juízos axiológicos do autor efetivamente não se dá nas intervenções da presidenta.

Tomemos como objeto de análise o capítulo 07 do livro de Araujo, intitulado “Dilmês é como a gripe de Dilma: ‘uma doença que ataca cada um de nós’”:

Se o dilmês fosse um paciente internado, o boletim médico pregado ao leito da enfermaria seria um tratado de politraumatismos idiomáticos nos membros das frases: fraturas (a maioria exposta), torções, luxações, deslocamentos, desarticulações, degenerações, doenças do tecido conjuntivo etc. Pôr tudo no lugar parece tarefa impossível, sobretudo quando Dilma discorre sobre ... saúde. Explicando os benefícios do Minha Casa, Minha Vida, o mais bem-sucedido – vá lá – programa do seu governo, o dilmês se torna imprestável até para uma empresa de demolição, com a repetição obsessiva da redação escolar primária de Dilma sobre o verdadeiro sentido da casa própria (ARAUJO, 2015, p. 79).

Nesse fragmento, o autor mobiliza uma cenografia de um laudo médico – “Se o dilmês fosse um paciente internado, o boletim médico pregado ao leito da enfermaria seria um tratado de politraumatismos idiomáticos nos membros das frases: fraturas (a maioria exposta)” – para evidenciar que as falas da presidenta não gozam de boa saúde, portanto estão em condições insalubres e podem contaminar a todos. Esse tipo de comentário constitui uma boa base para identificar o “dilmês” como um acontecimento discursivo moral, visto que as ocorrências do dizer do autor sobre as falas da presidenta (como no excerto a seguir: “Explicando os benefícios do Minha Casa, Minha Vida, o mais bem-sucedido – vá lá – programa do seu governo, o dilmês se torna imprestável até para uma empresa de demolição”) constroem um discurso de incompetência da presidenta, uma vez que nenhuma área de atuação do seu governo se salva. Cumpre destacar que as análises do autor acerca das gafes da presidenta não se baseiam em nenhum dos domínios das ciências da linguagem. Trata-se de uma análise realizada a partir de uma linguística popular: um conjunto de morais languageiras, referendado alhures pelos

compêndios gramaticais e sua aplicação no ensino, que circula no imaginário da grande maioria da população, enquadrando os enunciados como bons ou ruins.

## **Conclusões preliminares**

Neste texto, com base na análise de textos que circularam tanto na web quanto em outros dispositivos, acerca das supostas gafes da presidenta Dilma em seus pronunciamentos, proferidos ao longo de seus mandatos à frente da presidência do Brasil, buscamos discutir, por um lado, a importância de se tratar discursivamente a comunicação política, deslocando-a do campo das teorias da comunicação e, por outro, intentamos discutir como a circulação dessas gafes por meio dos mais diferentes dispositivos foi fundamental para a construção do acontecimento discursivo moral, “dilmês”.

O acontecimento discursivo em questão no nosso entendimento se apresenta como mais uma das justificativas para a destituição da presidenta<sup>52</sup>, ocorrida em definitivo em agosto de 2016, pois busca evidenciar que como o “dilmês” é um idioma doente, o governo de Dilma, o seu criador e principal usuário, também estaria doente, fomentando em boa parcela da população brasileira uma espécie de dilmafobia e sustentando, ainda que de modo velado, a necessidade de destituição da presidenta. Com efeito, se do ponto de vista jurídico as pedaladas fiscais foram o principal argumento para a deposição da presidenta, as pedaladas linguísticas ou gafes da presidenta, aliadas às denúncias de corrupção em seu governo compuseram o

---

<sup>52</sup> O principal argumento supostamente jurídico para a deposição da presidenta Dilma ficou conhecido como “pedaladas fiscais”. Essa expressão “pedaladas fiscais” foi uma designação usada pela grande mídia para descrever uma manobra contábil do governo federal, utilizada também por governos anteriores ao de Dilma Rousseff, na qual supostamente o governo da petista objetiva passar a impressão de que arrecadava mais do que gastava. Nesse contexto, o governo não estaria pagando os bancos públicos e privados que financiavam programas sociais como o Bolsa Família. Então, para que os beneficiários não deixassem de receber, os bancos arcavam com as despesas sozinhos, sem receberem a compensação governamental. O Tribunal de Contas da União, em decisão unânime, considerou essa operação um empréstimo dos bancos, não pago pelo governo, ferindo a Lei de Responsabilidade Fiscal. Embora o TCU seja um órgão auxiliar do Legislativo e não tenha poderes para condenar o Chefe do Executivo, ele oferece um parecer prévio, que pode ou não ser acatado pelo Congresso Nacional, abrindo até mesmo a possibilidade de um processo de impedimento da Presidente da República. Fonte Wikipédia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Processo\\_de\\_impeachment\\_de\\_Dilma\\_Rousseff](https://pt.wikipedia.org/wiki/Processo_de_impeachment_de_Dilma_Rousseff). Acesso: 3 ago. 2017).

argumento para que boa parcela da população brasileira saísse às ruas, referendando a deposição de Dilma.

Para além dos aspectos anteriormente arrolados, as análises do acontecimento discursivo moral “dilmês” nos mostram a necessidade premente de se começar a trabalhar também, no âmbito do discurso, na esteira do que propõe Marie-Anne Paveau (2015), com a dimensão moral dos enunciados, discutindo, por exemplo até que ponto aqueles que se apoderam do discurso alheio, como é o caso dos textos analisados, que dizem disforicamente os pronunciamentos da presidenta Dilma, podem fazer o que bem entendem com esses discursos. Não haveria a necessidade de se perguntar como devemos tratar o discurso alheio de maneira que não seja somente um (mal)tratar?

A relação entre pedaladas fiscais e pedaladas linguísticas ou gafes como argumentos que se reforçam mutuamente para a destituição da presidenta Dilma pode ser entendida como demasiadamente forçada ou pouco pertinente. Todavia, se tomarmos a atual situação política brasileira, em que o atual presidente (dono de uma retórica que segue fielmente os modelos da língua padrão), apesar de estar envolvido numa série de denúncias de corrupção sendo interpelado pela Polícia Federal e o Supremo Tribunal Federal a responder pelo encontro e diálogo que teve com o empresário Joesley Batista, não tem o seu pedido de afastamento da presidência respaldado pela maioria da população brasileira, então a pertinência da reflexão apresentada neste artigo é revelada.

## Referências

ARAÚJO, C. A. **Dilmês: o idioma da mulher sapiens**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2015.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRIEG-PLANQUE, A. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Tradução de Luciana Salazar Salgado. In: **Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem - Linguasagem**, n. 16, São Carlos, SP. Disponível em: <[www.letras.ufscar.br/linguasagem](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem) 2011>. Acesso em: 3 mai. 2017.

\_\_\_\_. As pequenas frases: um objeto para a análise dos discursos políticos e midiáticos. In: BARONAS, R. L. *et al.* **Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo-saxônica**: abordagens discursivas. Campinas: Pontes Editores, 2016.

KRIEG-PLANQUE; A.; OLLIVIER-YANIV, C. Les “petites phrases” en politique. In: **Communication et Langages**, n. 168, junho/ 2011.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_. **Frases sem texto**. Trad. Sírío Possenti *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: reler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2003.

OLLIVIER-YANIV, C. Pequenas frases e elementos de linguagem: categorias em tensão ou o impossível controle da palavra pelos especialistas da comunicação. In: BARONAS, R. L. *et al.* **Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo-saxônica**: abordagens discursivas. Campinas: Pontes Editores, 2016.

PAVEAU, M-A. **Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas**. Trad. Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

SÉRIOT, P. Analyse do discours politique soviétique. **Revue Persée**, n. 2, vol. 57/ 1985.